
**REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR NO LYCÊO PARAHYBANO NO
OITOCENTOS (1836)**Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva¹**RESUMO**

A representação de professor no livro *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses* é estudada, aqui, como o objetivo geral de analisar o livro como material instrucional usado pelos práticos no Oitocentos, especificamente na província da Parahyba do Norte, no Lycêo Parahybano. Menezes (1983) define o professor como um profissional conhecedor do assunto que no Brasil Império ministrava aulas mesmo sem ter formação específica. No caso, a instituição de instrução pública era espaço para religiosos e funcionários públicos, que eram maioria e, também, que ensinavam os aspectos moralizantes em suas aulas, bem como aplicavam um ensino generalista. A questão que se estabelece é a seguinte: a depender da matéria era possível adentrar nas questões referentes ao domínio da moral, ética e dos bons costumes?

Palavras-chave: Representação de professor. Lycêo Parahybano. Oitocentos.

**REPRESENTATION OF THE TEACHER IN LYCÊO PARAHYBANO IN THE
EIGHTEEN (1836)****ABSTRACT**

The representation of a teacher in the book *The adventures of Telemachus: son of Ulysses* is studied here as the general objective of analyzing the book as instructional material used by practitioners in the 1800s, specifically in the province of Parahyba do Norte, in Lycêo Parahybano. Menezes (1983) defines the teacher as a professional who is knowledgeable about the subject that, in Brasil Império, taught classes even without specific training. In this case, the institution of public instruction was a space for religious and civil servants, who were the majority and also who taught the moralizing aspects in their classes, as well as applying generalist teaching. The question that arises is the following: depending on the matter, was it possible to get into the issues related to the domain of morals, ethics and good customs?

Keywords: Teacher representation. Lycêo Parahybano. Eight hundred.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda e Professora do Centro Universitário de João Pessoa

INTRODUÇÃO

O professor de francês do Lycêo Parahybano atendia tais questões, haja vista usar o livro a base de seu trabalho para a tradução do francês para o português. Menezes (1983, p. 198), mais adiante, em seu texto, lembra que “vem desde os primeiros anos a presença didática dos mestres-escolas parahybanos no Lyceu.

O patrimônio educacional brasileiro é, sobretudo, obra dos *mestre-escola*: entende-se este como um esforçado autodidata ou um fracassado bacharel ou um não muito ortodoxo clérigo, a voltar-se para o ensino emergente. Porque em toda parte, solicitava-se um cidadão com letras e poder comunicativo, o exercício do magistério (MENEZES, 1983, p. 197).

À época era grande o número de religiosos ministrando aulas nas instituições de ensino, igualmente ao Padre-Mestre Manoel Caetano Velloso, que ministrava Francês.

Menezes chamou a atenção para o Padre-Mestre João do Rego Moura ao reconhecê-lo como professor de Filosofia Moral da Paraíba, que além da sala de aula, foi diretor do Lycêo Parahybano:

Dentre os mestres ilustres com melhor expressão de cultura e talento, se não deve esquecer que tanto brilharam no preparo das gerações. Uns tiveram a responsabilidade do ensino como ainda a direção dos destinos do Lyceu, atitude esta iniciada pela figura singular do Padre João do Rego Moura, lente de Filosofia que ao mesmo tempo fôra Diretor do Lyceu e da então Instrução Pública, também seu primeiro diretor (MENEZES, 1983, p. 73).

Passado algum tempo foi lançada no ano de 1885 a Resolução Provincial de número 288 com o Plano de Ensino, que acaba revelando como atuava o professor e, por conseguinte, a sua representação, predominantemente eram professores religiosos ou de profissões específicas que atuava na instrução pública. Esse documento regulamentou as matérias a serem trabalhadas na escola, oficializando o currículo e as características da educação no Oitocentos. Por meio do que se estudava é possível saber como eram concebidos: o roteiro e o conteúdo e a sequência a ser seguida pelo professor. Eram matérias obrigatórias:

1. Línguas: Português; 2. Francês; 3. Inglês; 4. Latim.
5. Matemática.
6. Geografia Geral, Coreografia do Brasil e especificamente da Paraíba.
7. História Geral, História do Brasil e, especificamente, da Paraíba.
8. Retórica.
9. Poética.
10. Literatura Nacional.

11. Filosofia.
12. Elementos de ciências físicas e naturais.

A lista acima descreve o que a Paraíba estudava no fim do Brasil Império, uma vez que é uma resolução de 1885 e que em 15 de novembro de 1889, a partir do simbolismo da Proclamação da República do Brasil pelo Marechal Deodoro da Fonseca, iniciava-se o período do Brasil República. Assim, foi uma prática o estudo da língua francesa durante todo período imperial brasileiro.

Ao levar em conta a história dos intelectuais, como fator considerável para a historiografia da educação, as contribuições do professor Manoel Caetano Velloso para a educação no início do período imperial paraibana merece atenção.

O professor Manoel Caetano Velloso “ensinou francês e utilizou *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses*” (MENEZES, 1983, p. 189-190) na Província da Paraíba do Norte. Não possuía curso superior e quase não foram encontrados registros de suas origens. Menezes (1983) não registrou nenhuma atuação do Padre Mestre como diretor ou na política, registrou a atuação como professor no Lycêo Parahybano.

Basicamente, o professorado no período do Brasil Império assumia uma postura similar a de Mentor nas *Aventuras de Telêmaco*, cujo trabalho vai além do ato de ensinar, tal como explica Menezes (1983, p. 86-87):

Na sucessão de Presidente nos anos de 1850, ora como advertência ora como queixa, e em todos o reconhecimento das modestas condições profissionais, o Professorado do Lyceu está em evidência. Ficava claro para o bom senso administrativo a sobrecarga didática, por depender o ensino do esforço do professor nada se tendo feito para prepará-lo como um normalista (na época se dizia um pedagogo), nem se enriquecido o ambiente escolar de material para instrumentá-lo [Grifos do autor].

Por volta de 1850 Manoel Caetano Velloso atuava como professor do Lycêo, que estava em evidência e não contava com material para instrumentá-lo. Como a designação do professor Manoel foi feita seguida da indicação do livro *As aventuras de Telêmaco*, então este livro era usado como base. Sem falar que o professor não recebia pelo seu trabalho grandes salários, Menezes (1983, p. 87) registra que “O denominador comum dos *Relatórios e Exposições* de 1851 a 1857 é a necessidade de se conceder ao

mestre melhores vencimentos, para se exigir ou se esperar mais do seu desempenho”
[Grifos do autor] (MENEZES, 1983, p. 87)

O livro de Fénelon usado como apoio teórico possibilita ao professor desenvolver um ensino para além da tradução, por exemplo, abordando temáticas voltadas para a moral, a ética e Bons costumes.

Lycêo parahybano no Brasil Império

A tradução de uma língua para outra no ensino de Tradução da língua francesa para a portuguesa promoveu, no Oitocentos, um diálogo literário sobre alguns temas presentes no livro de Fénelon, por exemplo, Mitologia, Filosofia, Ética e Moral. Por trás do enredo de *As aventuras de Telêmaco*, pode-se propor uma formação humanista, isto é, temas voltados para o desenvolvimento da pessoa humana quando em processo de ensino-aprendizagem, visando trabalhar aspectos relevantes para toda a vida.

Conforme currículo do século XVIII os livros de Literatura que eram utilizados tinham um viés de relatos de viajantes e autobiografias. Todos escritos como textos literários e não para fins didáticos. Contudo, acabavam servindo como material de instrução, como se pode notar na estante da Biblioteca do Lycêo Parahybano. Na relação de livros de 1853 disponibilizada por Ferronato (2014, p. 239) conta “*Lusíadas* de Camões (01 vol.), *Fábulas* de Chompré (04 vol.) e *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses* (03 vol.)”.

O fato de haver a obra de Fénelon na Biblioteca não significa, necessariamente, que havia influência francesa na instrução pública do período imperial parahybano. Contudo, esse é mais um dado apurado por esta pesquisa, somado a Resolução supradita que na segunda cadeira preconizava o ensino de “Francez - traduzir e falar” (MENEZES, 1983, p. 83) e com a vinculação do livro com a cadeira de Tradução, pode-se afirmar que o modo como o professor explorava o enredo e, eventualmente, as suas conexões com a *Odisséia* acabava dando significados aos aspectos voltados para o bem agir.

Uma preocupação de Fénelon, que se dá a perceber, é a exposição de situações de risco as quais envolviam as personagens. Nos resumos de cada livro há um tipo de sinopse do que virá a ser cada episódio. Um estilo inspirado em Homero (1998) que convite o leitor para adentrar nas aventuras que misturam realidade e ficção.

Entre os temas estão a difusão dos códigos de conduta, costumes de povos distintos e linguagens usadas por cada povo. Recorte da realidade baseado no reinado de Luís XIV, que indiretamente aparece na personagem do rei cujo domínio tirânico na forma de exercer a monarquia prioriza a força coercitiva do cajado do Rei sobre o povo.

Fénelon critica essa postura de modo subliminar em seu livro. Como preceptor do príncipe de Borgonha exerceu influências e trabalhou, aparentemente, o ato de realizar orientações por meio de Mentor na sua obra. Aparentemente, não se faz compreensível de forma direta cada crítica aos reis perversos retratados em algumas vivências de Mentor e Fénelon. Contudo, o estudo mais criterioso permite a percepção de assertivas que apontam para a má gestão de Luís XIV. Mentalidade que se tornou exequível à medida que formas semelhantes, caracterizadas análogas nas relações humanas, surgiram por todo território europeu e, desse ponto para o resto do Ocidente.

O livro como material de instrução constitui-se como base, nesse caso faz-se referência aos clássicos. Levando em conta que o conceito de clássico já foi objeto de várias reflexões, toma-se como clássico a delimitação do livro *Por que ler os clássicos*, de autoria de Calvino (1993), que inicia afirmando não ser necessário responder a pergunta-título, uma vez que o seu objetivo é instigar, ensinar e sugerir vários caminhos para se ler um texto considerado por muitos, um clássico. Ao apontar caminhos para a leitura, o autor abre possibilidades para a autonomia do leitor, deixando-o escolher o que é um clássico em sua concepção.

O livro trata de forma dinâmica de assuntos que possam parecer enfadonhos à primeira vista, definições sobre as razões de se ler textos clássicos é um exemplo. Contudo, chama a atenção as formas e épocas de se ler, os pontos de vistas do leitor, como sugere Calvino (1993, p. 10):

As leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido.

Diante dessa perspectiva, um ensino humanístico qualifica o leitor e prestigia o ato de ler, que ganha significação e sentido naquele que o pratica. Conforme ratificado por Sena (2008, p. 73):

Contar histórias reporta aos tempos imemoriais, a exemplo do clássico *As mil e uma noites* (s/d), cuja personagem Sherazade escapou da morte ao narrar contos e entreter o seu marido, deixando-o curioso para ouvir a continuação na noite seguinte. Tal procedimento foi utilizado por Fénelon, autor de *As Aventuras de Telêmaco*, o qual recorreu à ficção – *Odisséia*, de Homero – para ensinar ao seu discípulo (origem nobre) valores e conhecimento em diversas áreas.

A autora toma por base a formação que se encontra nos textos clássicos como os títulos citados, por exemplo, o clássico texto homérico, *Odisséia*, uma vez que o livro de Fénelon foi inspirado nessa obra e faz referência a *Ética e Moral*, desde a vestimenta, uso da linguagem e pronomes de tratamento até as leis e costumes considerados adequados e de boas maneiras. No processo de ensino-aprendizagem do Brasil Império não se prescindia de livros como os citados.

A construção do arcabouço teórico de cada pessoa, de certa forma, está perpassada das experiências vivenciada individualmente. Livros exercem naqueles que leem influências singulares, “mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual [...] um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, ensina Calvino (1993, p. 11).

Nessa esteira, criava no período imperial o princípio de que a base para a formação intelectual da pessoa humana conta com o contato, manuseio e estudo por meio dos livros de leitura/romance de educação. Cada um faz a sua relação de livros,

cria a sua sequência de leitura e estabelece quais são os mais relevantes em sua formação, isto é, os que marcaram a sua trilha de aprendizagem. Assim, o ensino-aprendizagem com o impresso se dá pelo contato com o texto, experimentado singularmente por cada pessoa, não há problema de considerar tal livro um clássico, mesmo que o livro escolhido não esteja contemplado em listas publicadas.

Seguindo esse raciocínio Mentor ensina ao seu aluno Telêmaco, conforme escreveu Fénelon em seu texto com caráter pedagógico, que trata das situações de conflito, livro que serviu para as aulas de Tradução no Lycêo Parahybano, devido aos seguintes aspectos:

1. O texto em francês foi importado pela Mesa do Desembargo;
2. O Relatório da Província da Paraíba de 1852 cita o livro vinculando-o ao ensino de Tradução;
3. O enredo da literatura é propício para abrir o debate sobre o bem agir.

Como dito, o enredo feneloniano foi escrito para servir de base nas suas aulas como preceptor de um príncipe e, por meio da Literatura, propiciar ao aluno o conteúdo necessário para aquele tipo de ensino-aprendizagem.

Um livro que trata da educação de uma época de forma romaneada, como o de Fénelon (2006), permite uma análise do professor do professor cujo trabalho tem por base o questionamento sobre a conduta moral da pessoa frente a desafios do cotidiano. Analisar esse material de instrução como um marco para o processo para o aprendizado daquela época consiste em delinear um perfil profissional, baseado na leitura, o que representa o professor como tutor e orientador do aluno, tal como o papel desempenhado por Mentor. No Oitocentos, o professor acompanhava um número limitado de alunos, era possível, como no caso de Filosofia, acompanhar um aluno de cada vez.

A base dos estudos no Oitocentos, devido ao contexto daquela época, estava em livros cujos assuntos e disciplinas escolares eram tomados por meio da leitura do livro, seja didático seja de leitura e na resolução de exercícios, denominados *Ratio Studiorum*, um método de ensino humanístico desenvolvido pelos jesuítas. Segundo Miranda (2009,

p. 40), “Em 1832, (como se sabe, a Companhia de Jesus foi restaurada em 1814, pelo Papa Pio VII), é publicada uma nova edição do *Ratio Studiorum*”, criada para atender às exigências do modelo de educação do século XIX.

Para Franca (1592, p. 23): “O *Ratio*, portanto, é filho da experiência, não de um homem ou de um grupo fechado, mas de uma experiência comum, ampla de tal amplitude, no tempo e no espaço, que assegura uma grandeza majestosa, talvez singular na história da pedagogia”. Como consta no Relatório de Província que no Lycêo Parahybano professores usavam essa metodologia. Menezes (1983, p. 209):

Um bom professor é sobretudo um autor, e disto decorre a máxima autoridade. A pompa erudita ou o vozerio pretencioso, a eloquência ou o brilho expositivo, ficam superados por uma comprovação intelectual paralela, que coloca, nas mãos dos alunos, suas obras.

Assim, os professores estudavam nos livros e depois elaboravam os seus apontamentos, alguns do tipo “Estudo dirigido”, uma metodologia que ainda é aplicada, a depender do objetivo de cada professor e do componente curricular que leciona.

Para Inácio de Loyola, o professor deveria ser o modelo a ser seguido, no sentido de praticar e semear o germe da virtude no coração dos discípulos, fazendo isso com a palavra, observação ou conselho. Assim, formar uma consciência no aluno para o bem agir, governar e enfrentar os desafios da vida.

Cabe ao professor zelar pela formação do aluno e promover os estudos, cujo fim especial do professor, tanto nas aulas como fora delas, movimenta seus ouvintes ao serviço das virtudes que lhes são agradáveis.

Em determinado momento, se for o caso, o professor pode desaprovar a atitude do seu discípulo a ponto de o repreender por ter falado mais do que devia. Com um sorriso franco no rosto, Mentor afirma: “Não tenho a intenção de reprovar o erro que você cometeu, basta que o perceba e que ele sirva para que no futuro você se mostre mais moderado nos seus desejos” (FÉNELON, 2006, p. 14).

Assim, o filho de Ulisses aprende com Mentor e o leitor acompanha as lições e, se bem aplicadas, inculca as normas morais e éticas apresentadas por Fénelon. Pela

forma como a narrativa está construída, o livro é considerado pedagógico e, de certa forma, uma proposta semelhante ao *Ratio Studiorum*, sobretudo na formação de professor deste documento, colocado em vigor em 1552.

Não obstante, em 1657 foi publicada a *Didactica magna*, também conhecido por *Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*, livro de Iohannis Amos Comenius (1592-1670), que sistematiza a pedagogia e reúne a proposta metodológica de um pensador capaz de observar as transformações sociais e de mentalidade, isso porque a missão é salvar a pessoa por meio da educação. Perceber o tempo em que Fénelon viveu permite afirmar que seus escritos perpassam tanto a visão jesuítica de professor como a noção proposta pelo pedagogo Comenius, ambos os pensamentos pedagógicos tentavam sintetizar a ideia de verdade revelada por Deus.

Comenius (2006) reforçou o entendimento de ensino por meio de mecanismos psicológicos e de persuasão, consolidando a educação como espaço para a disciplina, elemento fundamental para o exercício do professor, que deveria ser tratado com respeito e admiração.

Nesse ponto, o material de instrução aqui estudado propõe uma leitura onde os protagonistas aprendem ao passo que vivenciam cada aventura. Há uma passagem em que Mentor fala de modo direto ao seu aluno, contudo usando analogias quando oportuno, conforme o trecho a seguir:

Feliz o povo, dizia Mentor, que é governado por um sábio rei! Ele é rico, vive feliz e ama aquele a quem deve essa felicidade. É dessa forma, ó Telêmaco, que você deve reinar e fazer feliz o seu povo, se algum dia os deuses o fizerem possuir o reino do seu pai (FÉNELON, 2006, p. 20).

Para que esse ensinamento e tantos outros se solidificassem o texto apresenta o relato feito por Mentor. Um ponto relevante é que a frase inicial da citação acima com Salmos 33:12 “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”, ponto que faz interdisciplinaridade com a Bíblia.

Telêmaco sente grande alegria ao perceber que havia fartura no pitoresco nordeste da África, mostrando geograficamente a região desértica da península do Sinai,

Egito. A referência serve como exemplo porque apresenta outra realidade, a de que era impossível não “notar a alegria e a abundância espalhadas por toda a grande planície do Egito” (FÉNELON, 2006, p. 21), embora este fosse um país do nordeste da África, uma região predominantemente desértica.

A leitura de trechos como o acima recortado permite dizer que as aulas de Tradução e o ato de verter o texto em Francês para o Português extrapolava o objetivo geral de ensinar a traduzir. O conteúdo causa espanto e suscita interesse pelo tema, o que promove a construção de conhecimentos no processo de aprendizagem.

Comenius (2006, p. 1930) explica que é preciso fazer com que cada aluno estude a lição, isto é, o professor deve ensinar “a conhecer e a investigar as coisas em si mesmas e não por intermédio das observações e testemunhos alheios. Isso significará trilhar o caminho percorrido pelos antigos sábios”.

Os aspectos teóricos apresentados no livro se comunicam com a prática. Por ter sido um livro encomendado para a educação do sucessor do Rei Luís XIV, o texto é bastante pedagógico e tem um movimento essencial para o aprendizado. Não se pode esquecer que Telêmaco representa o lugar social do aluno nos tempos da educação personalizada. Ele assume seu lugar de aprendiz, cuja postura ideal é a de ter total atenção, obediência e engajamento nas lições ministradas pelo mestre, Mentor, perfazendo um processo de ensino-aprendizagem de reconhecimento da sabedoria do mestre e, poucas vezes, de protagonismo aluno.

Fénelon (2006), no enredo do livro, elabora um texto pedagógico no qual o professor ocupa um lugar social de respeito. Em que o aluno, o jovem grego, busca aprender com a experiência vivenciada. Telêmaco reconhece: “se algum dia os deuses me fizerem reinar não esquecerei, após um exemplo tão funesto, que um rei só será digno de governar e sentir-se feliz com seu poder se submeter esse poder à razão” (FÉNELON, 2006, p. 29).

A postura de Telêmaco é a de aprendiz, motivo que faz Mentor temer, antecipadamente, que algum mal atinja o jovem filho de Ulisses. Para prevenir qualquer iniquidade o mestre o alerta com autoridade: “O que é isso, Telêmaco? Você está se

deixando vencer pela sua infelicidade?” (FÉNELON, 2006, p. 29). Tal questionamento faz parte dos atos pedagógicos quando se pergunta, mas não se espera resposta, espera-se uma reflexão.

A postura de professor representada pelo velho sábio é a de reconhecer que o aluno tem a sua autonomia. Falar da representação de aluno, a partir daqui, é imperativo, pois “Mentor redobrou seus esforços para inspirarem Telêmaco uma ânsia pelo retorno a Ítaca” (FÉNELON, 2006, p. 271).

Fenelon (2006) apresenta Telêmaco como o tipo de aluno que compreende as lições e torna-se capaz de enfrentar com autonomia os desafios impostos pela vida. Especificamente, para o aluno de Mentor o objetivo era governar Ítaca. Para tanto, retornar e rever sua mãe Penélope para assumir o seu trono significa tomar as rédeas como o filho que compreende o quanto seu pai, Ulisses, foi invencível, um herói que nunca perdera a coragem quando enfrentou a ira dos deuses do Olimpo. Os episódios envolvendo o pai do jovem grego estão na *Odisséia*, de Homero (1998), que descreveu o momento em que uma tempestade lançou Ulisses para terras longínquas e o guerreiro, astuto, enfrentou os desafios com paciência e coragem.

Em *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses*, de modo análogo, Telêmaco e Mentor viveram muitas aventuras. As primeiras linhas do livro contam a situação desoladora da deusa Calypso, que “não encontrava consolo após a partida de Ulisses, Em sua dor ela sentia-se infeliz por ser imortal”, no segundo parágrafo o sentimento muda repentinamente ao avistar, de longe, os destroços de um navio naufragado, de onde saíam dois homens, “um deles parecia idoso, o outro, embora jovem, tinha aparência de Ulisses” (FÉNELON, 2006, p. 9).

Fénelon (2006), ao introduzir o leitor no mundo das aventuras de um jovem, insere valores que representam o trabalho do professor pela sapiência e a cautela. Fala mostrando a postura ideal aquele que está na posição de aprendiz, como na seguinte frase dita para Telêmaco: “Desconfie disso, continuou Mentor [...], o naufrago e a morte são menos funestos que os prazeres que atacam a virtude”.

O professor não apenas repreende o aluno, como também recorre ao argumento de autoridade (em latim: *argumentum magister dixit*). Dito de outro modo, apela para a reputação e autoridade do pai, professor ou superior, fortalecendo o papel social exercido naquela situação.

Em outro episódio, quando Calypso escutava com admiração as sábias palavras de Telêmaco o jovem grego relatou que esteve na iminência de ser morto quando foi conduzido por Narbal para a cidade de Tiro. Contudo, foi salvo:

Telêmaco conta que Narbal ensinou-lhe as regras do comércio de Tiro e providenciou que ele embacasse em um navio cipriota para ir a Ítaca. Mas, Pigmalião descobriu que ele era estrangeiro e o aprisionou. Telêmaco esteve a ponto de ser morto, porém Astarbé, amante do jovem tirano, salvou-o com o intuito de sacrificar em seu lugar um jovem cujo desprezo a havia encolerizado (FÉNELON, 2006, p. 31).

Este é o trecho de abertura do Livro Terceiro, uma narrativa introdutória. O jovem aventureiro aprende com os erros dos outros, bem como com os ensinamentos recebidos, no caso advindos de Narbal, comandante da frota tirrena, que lhe ensinava o seguinte: “um pai fica satisfeito em educar um filho em uma profissão tão boa; desde a mais tenra juventude ele o ensina a manejar o remo, a esticar as cordas e a não temer as tempestades” (FÉNELON, 2006, p. 39). Falava assim para que seu aluno aprendesse a usar da verdade, fosse generoso com as pessoas e que se colocasse à disposição em aprender.

Nesse contexto estão dois reis, sendo Sésostris, um modelo a ser seguido pela sua lealdade, enquanto Pigmalião, um contraexemplo por ser um rei perverso. Analisar cada perfil e fazer um exercício de reflexão torna-se necessário para a apropriação de conhecimentos. Sobre esses reis Fénelon (2006, p. 35) ensina que Sésostris “não temia nada, e não tinha nada a temer, ele agia com seus súditos da mesma forma que com seus filhos. Pigmalião, pelo contrário, temia tudo e tinha tudo a temer. Esse perverso rei estava sempre exposto a uma morte funesta”.

Aprender e ensinar são dois movimentos que se interpenetram, não se concebe um sem o outro. O ensino-aprendizagem ocorre em processo contínuo, tal como está

na narrativa feneloniana. Esta dialética fica evidente quando se observa falas de Mentor ao corrigir o seu aluno. Por exemplo, quando o velho sábio percebeu que Telêmaco sentia prazer e orgulho em contar seus feitos para a deusa Calypso e, assim, o repreendeu: “O prazer de contar suas histórias o arrebatou. Você enfeitiçou Calypso, expondo os perigos aos quais escapou, com isso atçou ainda mais seu coração e a levou a preparar-lhe um cativo ainda mais perigoso”, (FÉNELON, 2006, p.43).

Isso ocorreu por conta do modo autocêntrico do jovem. A deusa que já estava sensibilizada teve o seu desejo provocado, o que fez com que ela usasse todo o seu poder para prender o filho de Ulisses em sua ilha, almejando torná-lo imortal, querendo que o jovem permanecesse para sempre em sua ilha.

O que Calypso não sabia é que por trás do velho sábio estava uma deusa superior, Minerva. A Filosofia ensina que é sensato o ser humano que cultiva a temperança, virtude e paciência. Nessa esteira, Mentor explica ao seu aluno, em particular, que se gabar é algo fútil e desnecessário, principalmente quando se pretende ser um homem prudente:

Como você pode esperar que ela (Calypso) o deixe partir de sua ilha agora que a deixou enlevada com a narração de suas aventuras? O amor a uma glória fútil o levou a falar sem prudência. Ela tratou de lhe contar mentiras e de falar sobre o destino de Ulisses: conseguiu falar longamente sem nada dizer, e o leva a contar tudo que deseja saber. Tal é a arte das mulheres sedutoras e apaixonadas (FÉNELON, 2006, p. 44).

O pensamento de Aristóteles (2009) subjaz na passagem acima. O homem é parte da cidade (Polis) e sua felicidade deve ser vinculada ao contexto social (Cidade-estado). A prudência é uma virtude que faz com que o ser humano evite as inconveniências e os perigos. Cabe ao ser humano agir conforme a virtude em busca do justo meio, a fim de que seja virtuoso.

Para tanto, é necessário evitar os vícios por falta e por excesso. O filósofo grego explica que a modéstia é o ato de pecar por falta e a vaidade de pecar por excesso, estes são extremos que devem ser evitados. A virtude moral consiste no exercício de agir com

respeito, calma, ponderação, sensatez e paciência ao tratar de um assunto delicado ou difícil, isto é, com prudência.

O livro de Fénelon visa à formação completa e ideal, na qual se devem evitar as armadilhas de uma glória fútil. No *Livro quinto* estão ensinamentos sobre a busca da prudência. Na representação de professor Mentor tem o seu lugar social, suas práticas e discursos, enquanto Telêmaco representa o aluno cuja condição de aprendiz e ouvinte se dá em princípio, uma vez que pode ser protagonista de sua própria história ao passo que se apropria dos conhecimentos e age com autonomia.

Tal como escreve o autor sobre a vida, orientando o leitor para uma formação ideal que cultiva o respeito, por exemplo, há o lugar social de Mentor, que comunica seus ensinamentos, e de Telêmaco, com seus sentimentos, crenças, desejos e intenções. No papel de professor, Mentor é mediador, crítico e intérprete do mundo da cultura e do mundo da vida. Telêmaco atua de modo ativo, interagindo com o seu mestre e se colocando no lugar de aluno ao reconhecer o seguinte: “estou exposto à violência dos desejos e me encontro mais na situação de receber instrução, obedecendo, do que na situação, neste momento, de governar” (FÉNELON, 2006, p. 68).

Essa assertiva é dita no contexto do *Livro Sexto*, quando o jovem filho de Ulisses relata ter logrado êxito no naufrágio que o fez chegar à ilha de Calypso. Nesse contexto Mentor explica para o seu aluno que a verdadeira coragem é assumir as limitações que a vida impõe a cada um, a fim de encontrar alguma saída para os problemas a serem enfrentados ao longo da vida.

São ensinamentos que buscam trabalhar a formação humana e, por conseguinte, a arte de bem governar. Desde o início, Telêmaco recebe de seu mestre informações sobre a forma como a população reage, se o soberano agir de forma honrada e respeitosa com os seus súditos. Ao respeitar o seu povo, o rei recebe uma reação amigável e lisonjeira. Isso ocorre porque o povo vive com dignidade humana, ou seja, o soberano mostra que não se aproveita do poder para instituir um governo tirânico. Boa-fé, moderação e justiça são virtudes que favorecem o convívio harmônico entre as pessoas:

A justiça, a moderação, a boa-fé e a garantia que você dá a seus vizinhos de que é incapaz de usurpar suas terras constituem a melhor defesa para um Estado. As mais firmes fortificações podem cair em razão de muitas causalidades imprevisíveis; a sorte é caprichosa e inconstante na guerra, mas a estima e a confiança de seus vizinhos, quando eles sentirem sua moderação, impedirão que seu Estado possa ser vencido, e quase nunca seja atacado. (FÉNELON, 2006, p. 121).

No trecho acima Mentor está falando para Idômene, rei de Creta, explicando como se forma a união dos povos para mostrar como se deve agir. O tom usado pelo mestre era modesto e respeitoso para com o rei, contudo, era livre e audaz. Nesses ensinamentos, do idoso sábio, não há bajulação. Vale dizer que Telêmaco estava ao lado, ouvindo atentamente sobre o tratamento cortês de um rei para com os seus súditos e vizinhos, aprendendo que este é um ato correto. Mentor, olhando para o rei, afirma: “A verdade crua os fere, mesmo que não se usem termos desagradáveis, no entanto creio que você possa suportar, mesmo que, para fazê-lo perceber os erros, eu lhe fale sem suavizar palavras duras” (FÉNELON, 2006, 136). Um pouco mais adiante, Mentor complementa:

A essas palavras, Idômene, refeito de seu repente inicial, pareceu envergonhado de sua susceptibilidade. Veja você que o hábito do ser bajulado acaba provocando, disse ele a Mentor. Eu lhe devo satisfação de meu novo reino, qualquer verdade vinda de você me deixara feliz, mas tenha piedade de um rei que a adulação envenenou e não logrou, mesmo na sua desdita, encontrar homens suficientemente generosos para lhe falar a verdade (FÉNELON, 2006, p. 136).

Sobre a natureza humana, Mentor ensina que “A grandeza é como alguns vidros, que fazem os objetos parecerem maiores. Os defeitos parecem aumentar quando a pessoa está em uma posição elevada” (FÉNELON, 2006, p. 141).

Na arte de bem governar a ação dos magistrados no ato de proteger as famílias e os bons costumes é um exemplo a ser seguido por todos. O trabalho é o de fazer cumprir a lei e julgar quais punições cabem aos criminosos.

É clemente usar punições como exemplo; isso pode mudar o curso da iniquidade. Um pouco de sangue, oportunamente derramado, permite

evitar derramamento mais adiante e o coloca na posição de ser temido sem precisar usar de rigor com muita frequência. (FÉNELON, 2006, p.151)

Embora a punição seja um caminho a ser trilhado nos casos de violências inevitáveis, Mentor alerta que mais seguro é instruir o povo. Então, caso se queira alcançar a glória, ensinar ao povo sobre o respeito, a temperança e o bom senso, virtudes é o essencial para a vida em sociedade. Isto para fugir da situação em que os súditos sejam fingidos, porque nesses casos, o rei não tem nenhum apoio no coração do povo. Com isso, todo o seu trabalho é vão e no primeiro golpe chega a tombar, uma vez que contra ele são lançadas acusações insuportáveis, haja vista a sua empolgação e suas paixões (desdém, raiva, medo, ressentimento e desconfiança), o que impedem que a verdade seja dita. Não achando ninguém corajoso para dizer a verdade, também não há ninguém que se digne perdoá-lo. Sem que haja ninguém que o defenda contra seus inimigos, porque os que estão à sua volta são falsários e estão preocupados em bajulá-lo, o rei acaba ficando absolutamente sozinho.

Na maioria dos relatos sobre os reis está a vulnerabilidade do monarca que, geralmente, recebe dos súditos e de alguns que o cercam a falsidade. Tais bajulações ofuscam a verdade e a capacidade de enxergar a futilidade do julgamento dos homens, que muitas vezes visam a agradar, escondendo perfídias. Não era difícil para um rei cair nas armadilhas do bajulador, alguns chegaram a perder a própria vida. Fénelon (2006) lembra para Telêmaco que o rei vaidoso sofre muito depois de sua morte,

ouvem-se esses reis gemendo nas profundas trevas onde encontram apenas insultos e escárnios, os quais têm de suportar: tudo em volta deles os repele, os contesta, os envergonha. Ao contrário da vida que tiveram na terra, quando zombaram dos homens e pretendiam que tudo tinha sido criado para seu bel-prazer (FÉNELON, 2006, p. 217).

Não obstante, as orientações desse livro de leitura vão na direção da vida com dignidade e laços mais fortes, como o amor. Este é, para o rei, o laço cem vezes mais sólido com os seus súditos. O que deve ser, da mesma forma, sentido pelas pessoas em sociedade, o amor deve envolver as relações entre as pessoas. Com efeito, “É preciso

estudar os homens para conhecê-los e para isso devemos vê-los e tratar com eles. Os reis devem conversar com seus súditos” (FÉNELON, 2006, p. 277). Eis um conjunto de princípios que deve nortear um governo.

O trecho a seguir apresenta uma resposta do aluno para o seu professor: “Telêmaco disse a Mentor: Creio que agora compreendo os princípios que você me ensinou que devem nortear um governo. No início achei-os confusos, mas aos poucos eles se desemaranharam na minha mente e agora vejo-os claramente” (FÉNELON, 2006, p. 276). Esse discurso denuncia o momento em que o jovem grego percebe as suas competências e habilidades para resolução de problemas e tomada de decisões, sente que é capaz de agir de modo autônomo, independente e responsável pelos seus próprios atos.

O dialogismo se faz presente, Fénelon (2006, p. 272) revela como a deusa Minerva vê o jovem filho de Ulisses, ao proferir as seguintes palavras:

Imediatamente, Mentor retorquiou: Engana-se, meu caro Telêmaco, você nasceu como os filhos dos reis que são educados com prerrogativas reais, que desejam que tudo seja feito a sua maneira e que a natureza obedeça a sua vontade, mas não têm a força necessária para opor-se a alguém sem receio. Não que eles se preocupem com os homens, nem que por bondade temam afligi-los; o que acontece é que, para sua própria comodidade, não querem ver em volta de si semblantes tristes e descontentes. Os males e as misérias dos homens não os tocam desde que não estejam sob seus olhos.

Mentor orienta, ainda, que se deve procurar “conhecer os homens, analise-os, permita que uns falem sobre os outros, aos poucos os coloque à prova, não confie excessivamente em nenhum deles” (FÉNELON, 2006, p. 278).

Em resumo, o pai do jovem aventureiro havia partido para a guerra a fim de defender a Grécia. Ao dar algum conselho ou repreensão, Mentor assume o seu lugar social e se constitui como professor, no caso específico estando investido por Minerva. Telêmaco escuta com atenção cada lição. Nessa relação entre professor-aluno ocorre o entrelaçamento entre os sujeitos falantes.

À luz da teoria da filosofia bakhtiniana da linguagem pode-se perceber que o momento em que Telêmaco reconhece a deusa Minerva representada por Mentor releva a sua compreensão sobre a vida, que afirma “Ó deusa, você em pessoa dignou-se guiar os passos do filho de Ulisses por amor a seu pai” (FÉNELON, 2006, p. 287). Minerva responde da seguinte forma:

Filho de Ulisses, ouça-me pela última vez. Eu o guiei em naufrágios, em terras desconhecidas, em guerras sangrentas e em todos os males que podem colocar à prova o coração do homem. Eu lhe mostrei, com exemplos palpáveis os verdadeiros e os falsos preceitos com que se pode reinar. Seus erros e seus sofrimentos foram úteis porque homem nenhum pode governar sabiamente se jamais sofreu e se não aprendeu com o padecimento em que seus erros o precipitaram

Essas palavras da deusa Minerva, neste ponto do livro em que se encontra revelada e não mais representada pelo sábio Mentor potencializam o jovem e futuro rei de Ítaca.

Embora Telêmaco não tenha dito uma só palavra, desde o início até o fim do pronunciamento da deusa Minerva, o seu silêncio responsivo-ativo o fez levantar as mãos aos céus e tomar uma atitude. Em seguida “foi acordar seus companheiros, partiu a toda pressa e chegou a Ítaca, onde reconheceu seu pai na morada do fiel Eumeu” (FÉNELON, 2006, p. 288)

Ao ensinar para Telêmaco que as tentações geram a soberba humana, indolência, luxo e prodigalidade, Minerva explica que a glória está na simplicidade, as virtudes e boas ações devem ser preservadas para que se alcance a verdadeira felicidade. O rei não governa para a sua própria glória, governa para o bem do povo. Telêmaco aprende essas peculiaridades porque pode ser o próximo rei de Ítaca, uma vez que o herdeiro natural do trono de Ulisses, que estava desaparecido. É chegada a hora de aprender, então Minerva/Mentor deixou Telêmaco por um período sozinho:

Eu o deixo agora, ó filho de Ulisses, mas minha sabedoria não se afastará na medida em que você sinta que nada pode sem ela. É tempo de aprender a andar sozinho. Eu me afastei no Egito e em Saleno para que você se acostumassem a ficar sem a doçura da minha presença,

como se desmama uma criança quando chega a hora de tirar-lhe o leite para dar-lhe alimentos sólidos (FÉNELON, 2006, p. 288).

Esse é o momento em que o professor entende que o seu aluno está pronto para caminhar na vida e se posicionar no contexto social, na vida em sociedade. Ocorre, então, o ato de reconhecimento do mestre que atesta a capacidade do aluno porque já demonstra que possui habilidades e competências suficientes para seguir observando o mundo e praticando o que aprendeu. Abaixo, destaque para algumas lições de vida:

- a) Que toda a população reage de maneira proveitosa se o soberano agir de forma honrada e respeitosa com seus súditos, em conformidade com a dignidade humana, ou seja, não se aproveitar do poder para instituir um governo tirânico, isto é, que ninguém tem o direito à liberdade de ter seus próprios conceitos formados.
- b) Que todos devem olhar o mundo de maneira harmônica, ou seja, analisar a sociedade tal como ela é, usando como instrumento a razão, e deixando de lado todo o egoísmo e violência que se refletem nos homens, com isso, ensinando os princípios que devem ser seguidos.
- c) Que o príncipe deve deixar todo o lucro de trabalho executado pelos súditos para eles mesmos, pois dessa forma deixará o súdito com melhor disposição para realizar as suas tarefas. Seguindo o princípio de mérito e competência de dar a cada um o que é seu por direito.
- d) Que devemos procurar analisar a pessoa não só pelo exterior, mas sim pelo seu interior, pois a beleza engana. Um exemplo foi Pigmaleão, que se apaixonou pela beleza de uma deusa, visto que, abandonou sua esposa, porém a bela que o fascinara era bastante cruel e ambiciosa.
- e) Que o poder do rei pode ser realizado de acordo com os valores dignos de honestidade do soberano, ou seja, ele tem a faculdade de agir segundo o que é útil ou inútil para a sociedade. Ele deve tentar seguir o bem, cuidando dos povos que habitam a sua terra. Ele deve esquecer dos seus próprios interesses para cuidar da intenção dos indivíduos. Portanto, só assim governará de forma legal e virtuosa.
- f) Que o rei pacífico que desconhece totalmente a guerra é incompleto porque não sabe cumprir uma de suas mais importantes funções, que é vencer inimigos. Entre este tipo de governante e aquele que cultua apenas a guerra, Mentor diz

crer que ele é, não obstante, infinitamente melhor. No governante o que não pode faltar são as qualidades necessárias para promover a paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada orientação Mentor tenta buscar o justo-meio. À medida que os seus interlocutores aprendem as lições ensinadas por meio da prática, os diálogos vão se aprofundando cada vez mais.

A peregrinação de Telêmaco serve de pretexto para Fénelon (2006) ensinar moral, política e outros valores referentes ao ato ético a cada vivência, sofrimento e passagem por que passou buscando o paradeiro de seu pai, Ulisses. Na *Odisséia* de Homero todo o enredo envolve Ulisses, que ao término do cerco o guerreiro é considerado um vencedor.

A narrativa homérica se concentra na volta do guerreiro Ulisses para casa, que ao desafiar os deuses e mostrar a sua astúcia despertou a ira dos deuses do Olimpo. Isto o fez pensar e ficar vagando pelas terras gregas durante dez anos, sem conseguir chegar a sua pequena Ítaca. Deste ponto, surge a narrativa feneloniana, ao recortar os acontecimentos do jovem filho de Ulisses e de seu preceptor, o autor conta de modo didático aventuras que servem de fundamento para as aulas, ministradas ao príncipe de Borgonha.

O professor no Oitocentos fica representado na personagem Minerva, ou seja, Nas atitudes e aconselhamentos de Mentor, que durante toda narrativa é a personificação da deusa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Ática, 2009.

COMENIUS, Iohannis Amos. *Didactica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1657.

FÉNELON, F. S. D. L. M. *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses*. São Paulo: Madras, 2006.

MENEZES, J. R. *História do Lyceu Parahybano*. João Pessoa: EdUFPB, 1982.